

X ACTAS DO
Congresso
Internacional
**A CERÂMICA MEDIEVAL
NO MEDITERRÂNEO**
SILVES 22 a 27.outubro'12



Coordenação editorial de:

Maria José Gonçalves
Susana Gómez-Martínez

Edição de:

Silves
câmara municipal



**X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO SILVES - MÉRTOLA, AUDITÓRIO DA FISSUL,
22 A 27 DE OUTUBRO DE 2012**
*10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES & MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER
2012*

ORGANIZAÇÃO: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES, CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
EM COLABORAÇÃO COM: AIECM2 E CEAUCP
APOIOS: FUNDAÇÃO PARA A CIÊNCIA E A TECNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

COMITÉ INTERNACIONAL DO AIECM2
PRESIDENTE: SAURO GELICHI
VICE-PRESIDENTE: SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
SECRETÁRIO: JACQUES THIRIOT
TESOUREIRO: HENRI AMOURIC
SECRETÁRIO ADJUNTO: ALESSANDRA MOLINARI

MEMBROS DOS COMITÉS NACIONAIS
FRANÇA: HENRI AMOURIC, JACQUES THIRIOT, LUCY VALLAURI
ITÁLIA: SAURO GELICHI, ALESSANDRA MOLINARI, CARLO VARALDO
MAGHREB: RAHMA EL HRAIKI
MUNDO BIZANTINO: VÉRONIQUE FRANÇOIS, PLANTON PETRIDIS
PORTUGAL: MARIA ALEXANDRA LINO GASPAR, SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
ESPAÑA: ALBERTO GARCIA PORRAS, MANUEL RETUERCE, JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN
PRÓXIMO ORIENTE: ROLAND-PIERRE GAYRAUD

**ACTAS DO X CONGRESSO INTERNACIONAL A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO. SILVES - MÉRTOLA, 22 A 27 DE
OUTUBRO DE 2012**
*PROCEEDINGS OF 10TH INTERNATIONAL CONGRESS ON MEDIEVAL POTTERY IN THE MEDITERRANEAN. SILVES &
MÉRTOLA, 22-27 OCTOBER 2012*
SILVES, OUTUBRO DE 2015

EDIÇÃO /// PUBLISHER: CÂMARA MUNICIPAL DE SILVES & CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA
COORDENAÇÃO EDITORIAL /// EDITOR: MARIA JOSÉ GONÇALVES E SUSANA GÓMEZ-MARTÍNEZ
DESIGN GRÁFICO /// GRAPHIC DESIGN: RUI MACHADO
IMPRESSÃO /// PRINTING: GRÁFICA COMERCIAL DE LOULÉ

ISBN 978-972-9375-48-4
DEPÓSITO LEGAL /// LEGAL DEPOT ??????
TIRAGEM /// PRINT RUN: 500

Não é bem como um texto escrito em belos caracteres góticos ou cúficos, contando a história de um milagre, registando um contrato encomendado pelo príncipe, ou denunciando a ameaça do reino vizinho. Não é como qualquer frase gravada na pedra ou pergaminho, que além de denunciar a sua origem de classe, porque necessariamente produzida no seio de uma elite, esconde sempre nas suas entrelinhas uma carga ideológica, quantas vezes indecifrável ou falaciosa. Ao contrário, os fragmentos de cerâmica arqueológica recolhidos numa camada estratigraficamente reconhecível, embora não pareça, são mais fiáveis, autorizando uma mais segura e escorreita informação histórica. Por vezes, quase sempre, são minúsculos ou mesmo insignificantes os fragmentos. Por vezes, quase sempre, nem sequer a forma é reconhecível e muito menos reconstituível. E no entanto a sua informação histórica é sempre preciosa. O simples perfil reclinado do lábio, a forma grácil de arquear a asa, aquela pincelada rápida de traço avermelhado ou a pequena mancha de esmalte melado são os indícios suficientes para reconstituir com verosimilhança a forma e a idade do jarro ou cântaro de água, e, com ele, alguns gestos de trabalho da camponesa que o usou e até, sem errar muito, o seu local de fabrico. Estes simples e informes fragmentos cerâmicos permitem aproximar-nos e mesmo compreender a história daqueles a quem nunca foi dado o direito de ter história, daqueles que nunca comandaram exércitos, que nunca decidiram da paz e da guerra, daqueles que nunca habitaram palácios ou castelos. À primeira vista a gramática ornamental destas bilhas e tigelas sistematiza línguas estranhas e aparentemente indecifráveis. E no entanto, os seus códigos, sem serem isotéricos, referem-se indirectamente a espaços culturais, a zonas de influência que ao longo dos séculos marcaram o Mediterrâneo, na sua fantástica diversidade. As referências mais antigas, ainda relacionadas com os entrançados romboidais da cestaria e da tecelagem, denunciam origens neolíticas e sobretudo permanências das sociedades nómadas dos tuaregues, rifenhos e pastores ibéricos. Na linguagem vegetalista com referências orientalizantes e sobretudo no que se refere à enorme e variada simbologia da Flor de Lotus de época califal, destaca-se, como é natural, a memória dos jardins e vergéis do Nilo, da Mesopotâmia e mesmo da Índia e da China. Nos encadeados de volutas de gavinhas com folhas de videira, sentimos ainda perene a longínqua referência das festas dionisíacas e báquicas da cultura greco-romana a que a Pérsia islamizada esbateu ou anulou o cacho de uva, transformando-o em inofensiva pinha. Esta linguagem cifrada, estas referências decorativas, são sinais de civilização, são marcas indelévels que identificam formas de pensar, zonas de fabrico, caminhos de intercâmbio, que permitem folhear com segurança as páginas da história.

O Presidente do Campo Arqueológico de Mértola
Cláudio Torres

INDICE

TEMA: 1 **AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO** **POTTERY WITHIN ITS CONTEXT**

SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO | MARCO LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JACINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO | SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO | ISABEL CRISTINA FERNANDES

1. A CIDADE E O SEU TERRITÓRIO NO GHARB AL-ANDALUS ATRAVÉS DA CERÂMICA 19
ROLAND-PIERRE GAYRAUD | JEAN-CHRISTOPHE TREGLIA
2. LA CÉRAMIQUE D'UNE MAISON OMEYYADE DE FUSTÂT - ISTABL 'ANTAR (LE CAIRE, ÉGYPTE). VAISSELLES DE TABLE, CÉRAMIQUES COMMUNES ET CULINAIRE, JARRES DE STOCKAGE ET AMPHORES DE LA PIÈCE P5 (PREMIÈRE MOITIÉ DU VIII^e S.) 51
VÍCTOR CAÑAVATE CASTEJÓN | SONIA GUTIÉRREZ LLORET
3. CERÁMICA, ESPACIO DOMÉSTICO Y VIDA SOCIAL: EL TEMPRANO AL-ANDALUS EN EL SUDESTE PENINSULAR A LA LUZ DE EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, ALBACETE) 56
JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | JOSÉ LUIS HERNANDO GARRIDO | HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO | FERNANDO MIGUEL HERNÁNDEZ | JUAN ZOZAYA STABEL-HANSEN | CARMEN BENÉITEZ GONZÁLEZ
4. NOTAS SOBRE LA CERÁMICA EN LA ICONOGRAFÍA CRISTIANA DEL NORTE PENINSULAR (SS. X-XII) 68
VANESSA FILIPE
5. ISLAMIC POTTERY FROM THE ÉVORA MUNICIPAL MUSEUM 84
MARCELLA GIORGIO
6. CERAMICS AND SOCIETY IN PISA IN MIDDLE AGES 93
MÁRIO VARELA GOMES | ROSA VARELA GOMES
7. A CERÂMICA E O SAGRADO, NO RIBÂT DA ARRIFANA (ALJEZUR, PORTUGAL) (SÉC. XII) 106
FRANCESCO M. P. CARRERA | BEATRICE FATIGHENTI | CATERINA TOSCANI
8. LE CERAMICHE E LE ATTIVITÀ PRODUTTIVE. RECENTI ACQUISIZIONI DA UN QUARTIERE ARTIGIANALE DI CHINZICA (PI) 114
VESNA BIKIĆ
9. CONTEXT, CHARACTER AND TYPOLOGY OF POTTERY FROM THE ELEVENTH AND TWELFTH CENTURY DANUBE FORTRESSES: CASE STUDIES FROM MORAVA AND BRANIČEVO 125
VALENTINA VEZZOLI
10. THE AREA OF BUSTAN NASSIF (BAALBEK) BETWEEN THE 12TH AND THE EARLY 15TH CENT.: THE CERAMIC EVIDENCE 133
ELENA SALINAS
11. USO Y CONSUMO DE LA CERÁMICA ALMOHADE EN CÓRDOBA (ESPAÑA) 139
MARCELLO ROTILI
12. ASPETTI DELLA PRODUZIONE IN CAMPANIA NEL BASSO MEDIOEVO 148
ALESSANDRA MOLINARI | VALERIA BEOLCHINI | ILARIA DE LUCA | CHIARA DE SANTIS
EMANUELA FRESI | LAURA ORLANDI | GIORGIO RASCAGLIA | MARCO RICCI | JACOPO RUSSO
13. STILI DI VITA, PRODUZIONI E SCAMBI: LA CITTÀ DI ROMA A CONFRONTO CON ALTRI SITI DEL LAZIO. SECOLI IX-XV 158
SILVINA SILVÉRIO | ELISABETE BARRADAS
14. A CERÂMICA MEDIEVAL E TARDO-MEDIEVAL NA BEIRA INTERIOR: MATERIAIS PROVENIENTES DOS CASTELOS DE CASTELO NOVO E PENAMACOR (SÉCS. XII – XVI) 180
ISABEL MARIA FERNANDES
15. A CERÂMICA E SEU USO EM PORTUGAL, A PARTIR DE POSTURAS, TAXAS E REGIMENTOS DE OLEIROS (SÉC. XII A XVIII): A ANÁLISE DE ALGUMAS PEÇAS 188
MARGHERITA FERRI | CECILIA MOINE | LARA SABBIONESI
16. THE SOUND OF SILENCE. SCRATCHED MARKS ON LATE MEDIEVAL AND EARLY MODERN POTTERY FROM NUNNERIES: PRACTICE AND SIGNIFICANCE 203

	HENRI AMOURIC LUCY VALLAURI	
17.	LA VIE DE CHÂTEAU D'UN VAISSELIER : ROQUEVAIRE PRÈS MARSEILLE, 1593	215
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
18.	RECIPIENTES DE MEDIDAS DA CIDADE DE LISBOA	229
	ANDREIA AREZES	
19.	FORMAS CERÂMICAS E SEU SIGNIFICADO SIMBÓLICO NA ALTA IDADE MÉDIA	236
	VICTORIA AMORÓS RUIZ	
20.	LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA	242
	CRISTINA CAMACHO CRUZ	
21.	CANDILES DE PIQUERA. USO Y MORFOLOGÍA EN LA CÓRDOBA DEL SIGLO X	248
	SARA ALMEIDA ALEXANDRE VALINHO JOÃO NUNO MARQUES	
22.	CONJUNTO MEDIEVAL CERÂMICO NO CONTEXTO DA LINHA DE MURALHA DE CACELA VELHA (PORTUGAL)	253
	SILVINA SILVÉRIO ELISABETE BARRADAS	
23.	OCUPAÇÃO ISLÂMICA NA VERTENTE SUDOESTE DA VÁRZEA DE ALJEZUR – O SÍTIO DA BARRADA E A ENVOLVENTE DA IGREJA MATRIZ DE N. SRA. DA ALVA	257
	MARIA JOÃO DE SOUSA	
24.	UMA HABITAÇÃO DO SÉCULO XI/XII SOB A MURALHA DO CASTELO DOS MOUROS DE SINTRA – EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE UM CONTEXTO DOMÉSTICO	262
	MANUEL JESÚS LINARES LOSA	
25.	UN NUEVO LOTE CERÁMICO DEL POBLADO FORTIFICADO MEDIEVAL DE “EL CASTILLEJO” (LOS GUÁJARES, GRANADA). LA CASA 7	266
	MARIA INÊS RAIMUNDO VANESSA DIAS	
26.	AL-MADAN E O SEU CONTEXTO NA PENÍNSULA IBÉRICA	271
	VANESSA FILIPE CLEMENTINO AMARO	
27.	CASTLE OF TORRES VEDRAS. ARCHAEOLOGICAL PERSPECTIVES ON A MEDIEVAL CONTEXT	275
	ALBERTO GARCÍA PORRAS MANUEL JESÚS LINARES LOSA MOISÉS ALONSO VALLADARES LAURA MARTÍN RAMOS	
28.	DE CASTILLO FRONTERIZO NAZARÍ A FORTALEZA CASTELLANA. LOS MATERIALES CERÁMICOS DEL ENTORNO DE LA TORRE DEL HOMENAJE DEL CASTILLO DE MOCLÍN (GRANADA)	279
	PILAR LAFUENTE IBÁÑEZ	
29.	CERÁMICA MUDÉJAR SEVILLANA HALLADA EN LA EXCAVACIÓN DEL SOLAR Nº 16 DE LA CALLE CERVANTES DE CORIA DEL RÍO (SEVILLA, ESPAÑA). LOS MATERIALES DEL POZO B	285
	SARA ALMEIDA SUSANA TEMUDO	
30.	CERÂMICA DO SÉCULO XIII, NO CONTEXTO DO BAIRRO JUDAICO DE COIMBRA (PORTUGAL)	291
	TÂNIA MANUEL CASIMIRO TELMO SILVA DÁRIO NEVES CAROLINA SANTOS*	
31.	CERÁMICAS MEDIEVAIS DA RUA DA CORREDOURA (ÉVORA)	298
	ALBERTO LÓPEZ MULLOR	
32.	LA CERÁMICA DEL MAS MONTGRÒS, EL BRULL (BARCELONA), SIGLOS XI-XV	303
	ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA MANUELA C. S. RIBEIRO	
33.	CERÁMICAS MEDIEVAIS (SÉCS. IX-XII) DO CASTELO DE AROUCA (N. PORTUGAL)	310
	M. CARMEN RIU DE MARTÍN	
34.	LADRILLEROS BARCELONESES DE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XV	318
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
35.	CERÁMICAS PINTADAS A BRANCO DO SÉCULO XV/XVI ENCONTRADAS NO CASTELO DE S. JORGE, LISBOA, PORTUGAL	326
	LUÍS SERRÃO GIL	
36.	ENTRE TACHOS E PANELAS: CERÂMICA MEDIEVAL DO SILO DO CASTELO DE PORTO DE MÓS	333

- MARIA RAFFAELLA CATALDO
37. CERAMICA RIVESTITA DAL CASTELLO DI CIRCELLO (BENEVENTO) 340
- GONÇALO LOPES | JOSÉ RUI SANTOS
38. CERÂMICAS ISLÂMICAS DA NATATIO DAS TERMAS ROMANAS DE ÉVORA 346
- MARIA JOSÉ GONÇALVES
39. CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS UTENSÍLIOS DO QUOTIDIANO DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: A CERÂMICA DECORADA A VERDE E MANGANÊS 353

TEMA: 2

CERÂMICA E ALIMENTAÇÃO

POTTERY AND FOOD

- JOANITA VROOM
40. THE ARCHAEOLOGY OF CONSUMPTION IN THE EASTERN MEDITERRANEAN: A CERAMIC PERSPECTIVE 359
- F. CANTINI | S. G. BUONINCONTRI | B. FATIGHENTI
41. CERAMICA E ALIMENTAZIONE NEL MEDIO VALDARNO INFERIORE MEDIEVALE: IL CASO DI SAN GENESIO (SAN MINIATO-PI) 368
- JAQUELINA COVANEIRO | SANDRA CAVACO
42. ENTRE TACHOS E PANEAS: A EVOLUÇÃO DAS FORMAS DE COZINHA (TAVIRA) 377
- JUAN ZOZAYA
43. CACHARROS, FUEGOS, COMIDAS, SERVICIOS, ESCRITURAS... 387
- TÂNIA MANUEL CASIMIRO | LUÍS DE BARROS
44. DE QUEM SÃO ESTAS OLLAS? COMER, BEBER, ARMAZENAR EM ALMADA NO SÉCULO XIII 392

TEMA: 3

O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO

THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC

- ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA | PEDRO PEREIRA | TERESA P. CARVALHO
45. CONJUNTOS CERÂMICOS DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, N. PORTUGAL). PRIMEIROS ELEMENTOS PARA UMA SEQUÊNCIA LONGA (SÉCS. IV-XI) 401
- JORGE DE JUAN ARES | YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ | MARÍA DEL CRISTO GONZÁLEZ MARRERO | MIGUEL ÁNGEL HERVÁS HERRERA | JORGE ONRUBIA PINTADO
46. OBJETOS PARA UN ESPACIO Y UN TIEMPO DE FRONTERA: EL MATERIAL CERÁMICO DE FUM ASACA EN SBUYA, PROVINCIA DE SIDI IFNI, MARRUECOS (SS. XV-XVI) 420
- HUGO BLAKE | MICHAEL J. HUGHES
47. THE MEDITERRANEAN AND THE ATLANTIC ARCHAOMETRICAL RESEARCH ON THE PROVENANCE OF 'MEDITERRANEAN MAIOLICA' AND ITALIAN POTTERY FOUND IN GREAT BRITAIN 432
- HENRI AMOURIC | GUERGANA GUIONOVA | LUCY VALLAURI
48. CÉRAMIQUES AUX ÎLES D'AMÉRIQUE. LA PART DE LA MÉDITERRANÉE (XVIIIE-XIXE S.) 440
- RODRIGO BANHA DA SILVA | ADRIAAN DE MAN
49. PALÁCIO DOS CONDES DE PENAFIEL: A SIGNIFICANT LATE ANTIQUE CONTEXT FROM LISBON 455
- MARCO LIBERATO | HELENA SANTOS
50. CIRCULAÇÃO DE MATERIAIS SETENTRIONAIS NA SANTARÉM MEDIEVAL 461
- MIGUEL BUSTO ZAPICO | JOSÉ AVELINO GUTIÉRREZ GONZÁLEZ | ROGELIO ESTRADA GARCÍA
51. LAS LOZAS DE LA CASA CARBAJAL SOLÍS, PUNTO DE ENCUENTRO ENTRE EL MEDITERRÂNEO Y EL NORTE DE EUROPA 466
- ARMANDO SABROSA† | INÊS PINTO COELHO | JACINTA BUGALHÃO
52. AS PORCELANAS DA SÉ DA CIDADE VELHA, ILHA DE SANTIAGO, CABO VERDE 473

TEMA: 4
EVOLUÇÃO E TRANSFERÊNCIA DAS TÉCNICAS
EVOLUTION AND TRANSFER OF TECHNIQUES

- JOAN NEGRE PÉREZ
53. PRODUCCIONES CERÁMICAS EN EL DISTRITO DE ȚURȚUȘA ENTRE LA ANTIGÜEDAD TARDÍA Y EL MUNDO ISLÁMICO (SIGLOS VI-XII) 483
- KONSTANTINOS T. RAPTIS
54. BRICK AND TILE PRODUCING WORKSHOPS IN THE OUTSKIRTS OF THESSALONIKI FROM FIFTH TO FIFTEENTH CENTURY: A STUDY OF THE FIRING TECHNOLOGY THAT HAS BEEN DIACHRONICALLY APPLIED IN THE CERAMIC WORKSHOPS OF A LARGE BYZANTINE URBAN CENTER 493
- LÍDIA FERNANDES | JOÃO COROADO | MARCO CALADO | CHIARA COSTANTINO
55. OCUPAÇÃO MEDIEVAL ISLÂMICA NO MUSEU DE LISBOA -TEATRO ROMANO DE LISBOA: O CASO DO APROVEITAMENTO DO *POST SCAENIUM* NO DECURSO DO SÉCULO XII 509
- ROSALIND A WADE HADDON
56. WHAT WAS COOKING IN ALEPPO IN THE TWELFTH AND THIRTEENTH CENTURIES? 519
- IBRAHIM SHADDOUD
57. PRODUCTION DE POTERIE CHEZ LES NIZARITES DE SYRIE : L'ATELIER DE MASSYAF (MILIEU XII^e-PREMIER TIERS DU XIV^e SIÈCLE) 525
- SERGIO ESCRIBANO-RUIZ | JOSE LUIS SOLAUN BUSTINZA
58. LA INTRODUCCIÓN Y NORMALIZACIÓN DE LA CERÁMICA VIDRIADA EN EL CANTÁBRICO ORIENTAL A LA LUZ DEL REGISTRO CERÁMICO DE VITORIA-GASTEIZ (SIGLOS XII-XV) 534
- JAUME COLL CONESA | JOSEP PÉREZ CAMPS | MARTA CAROSCIO | JUDIT MOLERA
TRINITAT PRADELL | GLÓRIA MOLINA
59. ARQUEOLOGÍA, ARQUEOMETRÍA Y CADENAS OPERATIVAS DE LA CERÁMICA DE MANISES LOCALIZADA EN EL SOLAR FÁBRICAS Nº 1 (BARRI D'OBRADORS, MANISES, CAMPAÑA 2011) 549
- JACQUES THIRIOT | DAVID OLLIVIER | VÉRONIQUE RINALDUCCI
60. FOUILLER LES ENCYCLOPÉDISTES : TRANSFERT DE MODÈLES AUX ANTILLES FRANÇAISES 560
- ELENA SALINAS | JUAN ZOZAYA
61. PECHINA: EL ANTECEDENTE DE LAS CERÁMICAS VIDRIADAS ISLÁMICAS EN AL-ANDALUS 573
- GUERGANA GUIONOVA | ROCCO RANTE
62. APERÇU SUR LA PRODUCTION DES ATELIERS DE PAYKEND, OASIS DE BUKHARA, OUZBÉKISTAN 577
- KRINO P. KONSTANTINIDOU | KONSTANTINOS T. RAPTIS
63. ARCHAEOLOGICAL EVIDENCE OF AN ELEVENTH-CENTURY KILN WITH RODS IN THESSALONIKI 589
- LAURA APARICIO SÁNCHEZ
64. EL ALFAR CORDOBÉS DE OLLERÍAS Y SUS PRODUCCIONES (SIGLOS XII-XIII) 596
- SERGEY BOCHAROV | ANDREY MASLOWSKIY
65. THE EASTERN CRIMEAN CENTERS OF GLAZE POTTERY PRODUCTION IN 13TH AND 14TH CENTURIES 604
- JAUME COLL CONESA | CLODOALDO ROLDÁN GARCÍA
66. COMPOSICIÓN DEL PIGMENTO DE COBALTO Y CRONOLOGÍA DE LA AZULEJERÍA MEDIEVAL DE MANISES (VALENCIA) CONSERVADA EN EL MUSEO NACIONAL DE CERÁMICA 608
- JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | CLAUDIO CAPELLI | ROBERTA DI FEBO
MARISOL MADRID I FERNÁNDEZ | ROBERTA DI FEBO | JAUME BUXEDA I GARRIGÓS
67. IMITACIONES DE CERÁMICAS À TACHES NOIRES EN BARCELONA EN EL S. XVIII. DATOS ARQUEOLÓGICOS Y ARQUEOMÉTRICOS 613
- ANNA RIDOVICS | BERNADETT BAJNÓCZI | GÉZA NAGY | MÁRIA TÓTH
68. THE TRANSFER OF THE TIN-GLAZED FAIENCE TECHNOLOGY BY HUTTERITE ANABAPTISTS TO EAST-CENTRAL EUROPE DURING 16TH AND 17TH CENTURIES 619

TEMA: 5

CERÂMICA E COMÉRCIO

CERAMICS AND TRADING

YASEMIN BAGCI VROOM

69. A NEW LOOK ON MEDIEVAL CERAMICS FROM THE OLD GÖZLÜKULE EXCAVATIONS: A PRELIMINARY PRESENTATION 627

EVELINA TODOROVA

70. POLICY AND TRADE IN THE NORTHERN PERIPHERY OF THE EASTERN MEDITERRANEAN: AMPHORA EVIDENCE FROM PRESENT-DAY BULGARIA (7TH-14TH CENTURIES) 637

ISABEL CRISTINA FERNANDES | CLAIRE DÉLÉRY | SUSANA GÓMEZ | MARIA JOSÉ GONÇALVES | ISABEL INÁCIO | CONSTANÇA DOS SANTOS | CATARINA COELHO
MARCÓ LIBERATO | ANA SOFIA GOMES | JÁCINTA BUGALHÃO | HELENA CATARINO
SANDRA CAVACO | JAQUELINA COVANEIRO

71. O COMÉRCIO DA CORDA SECA NO GHARB AL-ANDALUS 649

CLAUDIO FILIPPO MANGIARACINA

72. LA SICILIA ISLAMICA: PRODUZIONE, CIRCOLAZIONE E CONSUMO DI CERAMICA (IX-PIENO XI SECOLO) 667

GUERGANA GUIONOVA

73. CÉRAMIQUE D'IMPORTATION DU XIVE AU XVIIIE S. EN BULGARIE 681

INÉS M^ª CENTENO CEA | ÁNGEL L. PALOMINO LÁZARO | MANUEL MORATINOS GARCÍA
M^ª J. NEGREDO GARCÍA | J.E. SANTAMARÍA GONZÁLEZ

74. CERÂMICA DE COCINA RUGOSA DE PASTAS CLARAS/CAMPURRIANA VERSUS CERÂMICA GRANÍTICA/ZAMORANA. PATRONES DE DISTRIBUCIÓN Y EXPANSIÓN EN ÉPOCA BAJOMEDIEVAL Y EN LA TRANSICIÓN A LA EDAD MODERNA EN EL NORTE DE CASTILLA Y LEÓN 692

VASSILEIOS D. KOROSIS

75. CONSUMPTION AND IMPORTATION OF CERAMICS IN A FAIRLY UNKNOWN SITE OF LATE ROMAN GREECE. A CASE STUDY FROM MEGARA, ATTICA, GREECE 701

NATALIA GUINKUT | VICTOR LEBEDINSKI | JULIA PRONINA

76. MEDIEVAL AMPHORAE FROM SHIPWRECKS NEAR CHERSONES TAURICA 707

VICTOR FILIPE | MARCO CALADO | SANDRA GUERRA | ANTÓNIO VALONGO
JOÃO LEÓNIDAS | ROMÃO RAMOS | MARGARIDA ROCHA | JACINTA COSTA | NATALIA GINKUT

77. A CERÂMICA DE IMPORTAÇÃO NO ARRABALDE OCIDENTAL DE LUXBUNA (LISBOA). DADOS PRELIMINARES DA INTERVENÇÃO REALIZADA NO HOTEL DE SANTA JUSTA 711

SYLVIE YONA WAKSMAN

78. LATE MEDIEVAL POTTERY PRODUCTION IN SOUTH WESTERN CRIMEA: LABORATORY INVESTIGATIONS OF CERAMICS FROM CEMBALO (REGION OF SEBASTOPOL / CHERSONESOS)* 719

RAFFAELLA CARTA

79. LA CERAMICA ITALIANA INDICATORE DEL COMMERCIO TRA IL MEDITERRANEO OCCIDENTALE E L'ATLANTICO (SECOLI XV-XVII) 724

JULIA BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO | NÚRIA MIRÓ I ALAIX

80. BARCELONA Y EL COMERCIO INTERIOR DE CERÂMICA EN EL SIGLO XVII Y PRINCIPIOS DEL XVIII: VILAFRANCA DEL PENEDÉS (BARCELONA), TERUEL, VILLAFELICHE Y MUEL (ZARAGOZA), VALENCIA, TALAVERA DE LA REINA (TOLEDO), SEVILLA Y PORTUGAL 729

TEMA: 6

NOVAS DESCOBERTAS

NEW DISCOVERIES

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

81. MEDIEVAL POTTERY FROM THE FORUM OF AEMINIUM (COIMBRA, PORTUGAL) : A PROPOSAL OF CHRONO-TYOLOGICAL EVOLUTION 739

	ABDALLAH FILI	
82.	LE DÉCOR DE LA CÉRAMIQUE DE FÈS À L'ÉPOQUE MÉRINIDE, TYPOLOGIE ET STATISTIQUES	750
	SOPHIE GILOTTE YASMINA CÁCERES GUTIÉRREZ JORGE DE JUAN ARES	
83.	UN AJUAR DE ÉPOCA ALMORÁVIDE PROCEDENTE DE ALBALAT (CÁCERES, EXTREMADURA)	763
	MARCO LIBERATO	
84.	A PINTURA A BRANCO NA SANTARÉM MEDIEVAL. SÉCULOS XI A XVI	777
	THIERRY JULLIEN MOHAMED KBIRI ALAOU VIRGINIE BRIDOUX ABDELFATTAH ICHKHAKH EMELINE GRISONI CÉLINE BRUN SÉVERINE LECLERCQ HICHAM HASSINI HALIMA NAJI	
85.	LES CÉRAMIQUES MÉRINIDES DE KOUASS (ASILAH-BRIECH, MAROC)	792
	ELVANA METALLA	
86.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE EN ALBANIE : RELATIONS ENTRE LES PRODUCTIONS BYZANTINES ET ITALIENNES	807
	ANDRÉ TEIXEIRA AZZEDDINE KARRA PATRÍCIA CARVALHO	
87.	LA CÉRAMIQUE MÉDIÉVALE D'AZEMMOUR (MAROC) : DONNÉES PRÉLIMINAIRES SUR DES VESTIGES DE PRODUCTION POTIÈRE	819
	EBRU FATMA FINDIK	
88.	MEDIEVAL GLAZED CERAMICS FROM MYRA AND NEW RESULTS	831
	SERGEY BOCHAROV ANDREY MASLOWSKIY AIRAT SITDIKOV	
89.	THE KASHI POTTERY IN THE WESTERN REGIONS OF GOLDEN HORDE	840
	ÉLVIO DUARTE MARTINS SOUSA FERNANDO CASTRO	
90.	NOVOS DADOS QUÍMICOS DE FORMAS DE PÃO-DE AÇÚCAR PRODUZIDAS EM PORTUGAL: SÉCULOS XV A XVI	846
	ALEXANDRA GASPAR ANA GOMES	
91.	CERÂMICAS COMUNS DA ANTIGUIDADE TARDIA PROVENIENTES DO CLAUSTRO DA SÉ DE LISBOA – PORTUGAL	851
	M ^ª TERESA XIMÉNEZ DE EMBÚN SÁNCHEZ	
92.	TIPOS Y CONTEXTOS CERÁMICOS EN EL YACIMIENTO EMIRAL DEL CABEZO PARDO (SAN ISIDRO, ALICANTE). UNA BREVE REFLEXIÓN SOBRE LA CULTURA MATERIAL EN EL SE PENINSULAR	861
	CRISTINA GONZALEZ	
93.	QUINTA DA GRANJA 1: CERÂMICA EMIRAL DE UM POVOADO DA ÉSTREMADURA	866
	DÉBORA MARCELA KISS	
94.	LA CERÁMICA DEL TOSSAL DEL MORO (BENILLOBA, ALACANT). PRIMEROS RESULTADOS DEL ESTUDIO DE LOS FONDOS DEPOSITADOS EN EL CENTRE D'ESTUDIS CONTESTANS	875
	CRISTINA GARCIA PATRÍCIA DORES CATARINA OLIVEIRA MIGUEL GODINHO	
95.	TIPOLOGIA E FUNCIONALIDADE NAS CERÂMICAS DA CASA I DO BAIRRO ISLÂMICO DO POÇO ANTIGO EM CACELA-A-VELHA	882
	MANUEL RETUERCE VELASCO MANUEL MELERO SERRANO	
96.	AZULEJOS ALMOHADES VIDRIADOS A MOLDE DE CALATRAVA LA VIEJA (1195-1212)	887
	ANA CRISTINA RAMOS MIGUEL SERRA	
97.	NOVOS DADOS SOBRE HALQAL-ZAWIYA (LAGOS, PORTUGAL)	893
	KAREN ÁLVARO M. DOLORES LÓPEZ ESTHER TRAVÉ	
98.	UNA NUEVA CONTRIBUCIÓN AL ESTUDIO DE LA LOZA BARCELONESA DECORADA EN VERDE Y MANGANESO	900
	CARLOS BOAVIDA	
99.	MEDIEVAL POTTERY FROM THE CASTLE OF CASTELO BRANCO (PORTUGAL)	906
	FRANCISCO MELERO GARCÍA	
100.	POTTERY OF THE NASRID PERIOD OF CÁRTAMA (MÁLAGA)	912

CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS | ELISA ALBUQUERQUE

101. A CAPELA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA ATRAVÉS DOS MATERIAIS: A CERÂMICA MEDIEVAL 917

RICARDO COSTEIRA DA SILVA

102. "TRAÇOS MOURISCOS" NA CERÂMICA DO SÉCULO XV DO ANTIGO PAÇO EPISCOPAL DE COIMBRA
(MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO) 924

IRYNA TESLENKO

103. CRIMEAN LOCAL GLAZED POTTERY OF THE 15TH CENTURY 928

MARIA JOSÉ GONÇALVES

104. CERÂMICA EM CORDA SECA DE UM ARRABALDE ISLÂMICO DE SILVES: CONTRIBUTO PARA O SEU ESTUDO 934

TEMA: 1

AS CERÂMICAS NO SEU CONTEXTO
POTTERY WITHIN ITS CONTEXT

LA ESTRATIGRAFÍA COMO HERRAMIENTA

Resumen: En este trabajo se presentan las bases de como estudiar la cerámica a través de la estratigrafía. La metodología empleada para el estudio de los contextos cerámicos Altomedievales en el Tolmo de Minateda, nos da la posibilidad de conocer las características generales de la cerámica perteneciente al siglo VIII d.C. en esta ciudad Altomedieval del Sureste de la península Ibérica.

Abstract: In this paper it shows the bases how it can be studied the pottery through the stratigraphy. The methodology use for the study of the High Medieval pottery contexts in the "Tolmo de Mianateda", give us the possibility to Know the general characteristics of the pottery belong to the 8 A.D. century in this High Medieval city of the South-East of the Iberian peninsula.

EL PORQUÉ DE LA ESTRATIGRAFÍA

El estudio de la cerámica dentro de un proyecto de arqueología es, en muchos casos, uno de los elementos principales, pero al mismo tiempo es uno de los elementos que pueden crear más controversia. El estudio de la cerámica tiene muchos aspectos relevantes (económico, social, técnico, comercio, etc.) aunque es sin lugar a dudas, la posibilidad de dar cronología a una secuencia lo que hace de la cerámica, uno de los elementos más destacados en los estudios de arqueología. Para que esto se pueda llevar a cabo, necesitamos en primer lugar conocer la cronología de un objeto en sí mismo. Saber si una cerámica es del siglo I a.C. o VI d.C. es necesario por ejemplo, para establecer tipologías o realizar estudios sobre la producción o la economía. Pero, ¿qué ocurre cuando la cerámica no ayuda a tal fin?, cuando la cerámica de un yacimiento o de una determinada secuencia se basa en producciones locales, de las que los investigadores conocen poco o nada y, en las que no se encuentran elementos con paralelos a simple vista. En la mayoría de los casos este es el panorama ante el que te enfrentas cuando comienzas a trabajar con cerámicas adscritas al siglo VIII d.C.

Aunque la investigación sobre las cerámicas del siglo VIII d.C. ha avanzado mucho en los últimos años en la Península Ibérica¹, sigue siendo muy complicado distinguir las producciones del siglo VIII per se, sobre todo porque las cerámicas de principios de esta centuria se asemejan demasiado a las del siglo VII, pero sin los elementos que las justifican cronológicamente como las sigilatas tardías y determinados tipos de ánforas. Mientras que las cerámicas de finales del siglo VIII ya contienen determinados elementos que caracterizarán a las producciones del siglo IX. En normas generales y como explican Alba y Gutiérrez: El registro cerámico de la VIII centuria se restringe a las producciones comunes, que proyectan en parte el aspecto heterogéneo y en ocasiones tosco que caracterizaba la cerámica del siglo VII, apreciándose una gradual coexistencia con cerámicas de tecnología distinta y perfiles de piezas minoritarias, inexistentes en el reducido menaje anterior. Según se obvian o valoren tales "intrusiones" basculará la datación

del registro entre el siglo VII o el VIII; para discernirlo es importante valorar el conjunto del material contextualizado estratigráficamente en lugar de limitarse a seleccionar algunos rasgos. (Alba y Gutiérrez, 2008: 585).

Por lo tanto, al enfrentarnos a un grupo de cerámicas del siglo VIII, nos obligamos a cambiar la metodología del estudio de la cerámica. Primero porque en la mayoría de los casos, la cerámica "sóla" no ofrece cronología y segundo porque sin una contextualización apropiada de los conjuntos cerámicos estos crearán un error de base en una investigación y llevarán al siglo VII parte de las producciones del siglo VIII, mientras que otro tanto viajarán al siglo IX, haciéndonos invisibles el siglo VIII, tal y como ha estado ocurriendo hasta no hace poco tiempo.

La forma más segura de asignar al siglo VIII la representación cerámica que le corresponde es situarlas dentro del marco de la estratigrafía en la que aparecieron. Estudiar los grupos cerámicos a través de los contextos estratigráficos, nos permite rellenar vacíos, observar los repertorios y utilizar la estratigrafía de justificación temporal de los mismos y, por lo tanto, conocer la cronología de un determinado objeto ratificada por la evidencia estratigráfica (Amorós, 2011: 27).

EL ESTUDIO DE LOS CONTEXTOS CERÁMICOS DEL TOLMO DE MINATEDA

El Tolmo de Minateda (Fig. 1), es un yacimiento emplazado sobre un cerro amesetado, que fue ocupado en diversos momentos históricos desde la prehistoria al medievo. Las fuentes históricas y la arqueología han permitido identificarlo con la sede episcopal Eiotana o Elotana, erigida por el estado visigodo en el tránsito de la VI a la VII centuria. La ciudad continuó habitada tras la conquista musulmana del año 711 con el nombre de Madinat Iyyuh, formando parte de una circunscripción administrativa del sudeste de al-Andalus que fue conocida como la Cora de Tudmir (nombre en árabe del Dux visigodo Teodomiro que pactó la rendición el año 713), hasta su abandono definitivo en un momento impreciso entre la segunda mitad del s. IX e inicios del X².

* victoria.amoros@gmail.com

¹ Puede verse una visión general para las cerámicas de los siglos VIII y IX, d.C. en la Península Ibérica en, Alba y Gutiérrez, 2008.

² La bibliografía sobre el sitio y su significado histórico, cronología y producciones es amplia y comprende diversos aspectos como su identificación, la arquitectura monumental y doméstica, cerámica, numismática, epigrafía, el territorio, la escultura decorativa etc. Una relación pormenorizada de la bibliografía así como un estado actual de la cuestión puede verse en tres publicaciones recientes: Gutiérrez Lloret (2011), Abad et alii (2012), Gutiérrez y Sarabia (2013) y Gutiérrez y Doménech (i.c.s.). Referencias actualizadas a los contextos cerámicos en Amorós (2011) y Amorós et alii (2012).

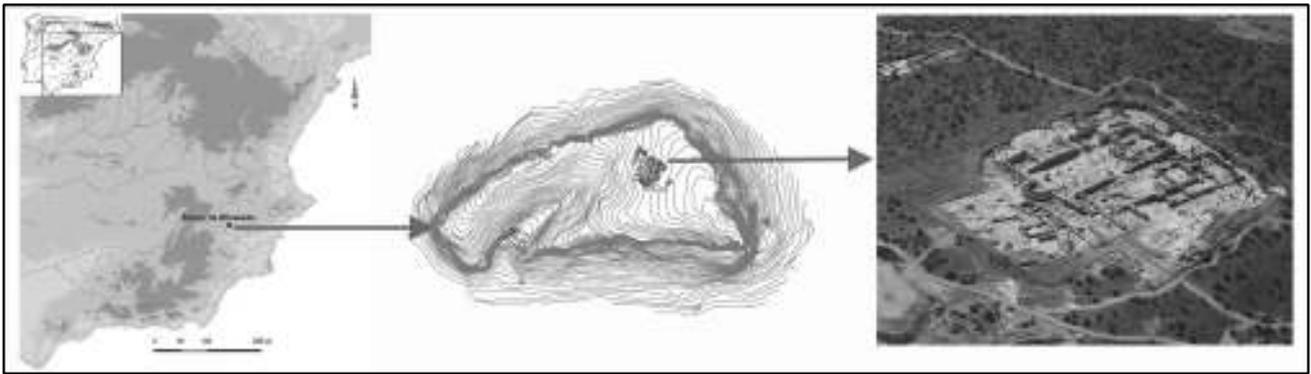


Fig.1 Localización del Tolmo de Minateda. Complejo religioso de época visigoda (derecha).

La necesidad de organizar cronológicamente las producciones cerámicas altomedievales, llevó al equipo del Tolmo de Minateda a utilizar la secuencia estratigráfica como criterio cronológico. El uso de la estratigrafía como base interpretativa parte de un primer trabajo, donde se perfiló una secuencia general basada en el estudio de los contextos de diferentes zonas del yacimiento y donde se establecían tres horizontes crono-estratigráficos que permitían reconocer cronológicamente distintas asociaciones de materiales (Gutiérrez, Gamo y Amorós, 2003). A partir de esta propuesta y tomándola como base, en los últimos años se ha ido ampliando el conocimiento de la secuencia estratigráfica de la zona alta del cerro y los materiales asociados a ella (Amorós et alli, 2012: 246).

CREACIÓN DE LOS CONTEXTOS CERÁMICOS EN BASE A LA SECUENCIA CRONO-ESTRATIGRÁFICA

Los estudios de los contextos cerámicos realizados por el equipo del Tolmo de Minateda en los últimos años tienen mantienen la siguiente metodología (Fig.2):

1. Documentación de la información arqueológica y estudio estratigráfico: creación de los contextos estratigráficos

Desde el inicio de los trabajos en el Tolmo de Minateda en el año 1988, se emplea un método estratigráfico para el desarrollo de las labores de excavación basado en los trabajos de Harris (1989) y Candini (1991). La documentación del trabajo de campo se realiza a través de fichas, plantas, fotografías de estratos y estructuras, secciones acumulativas, planimetrías generales y diarios de campo. La amplia documentación recogida en los trabajos de excavación permite a posteriori la reconstrucción del proceso de excavación y por lo tanto, el estudio e interpretación del mismo.

La revisión e interpretación de la estratigrafía se basa en la realización de diagramas secuenciales o matrices estratigráficas, que ayudan a comprender los procesos documentados durante la excavación. El estudio estratigráfico comienza por el análisis de zonas, que van sumándose poco a poco creando un estudio estratigráfico general. Una vez enlazada la estratigrafía puede llevarse a cabo la interpretación de la secuencia estratigráfica, diferenciando distintos momentos generales que contarán con sus propias fases y subfases, dependiendo de la complejidad de la estratigrafía en cada zona.

2. Estudio del material asociado a la secuencia estratigráfica

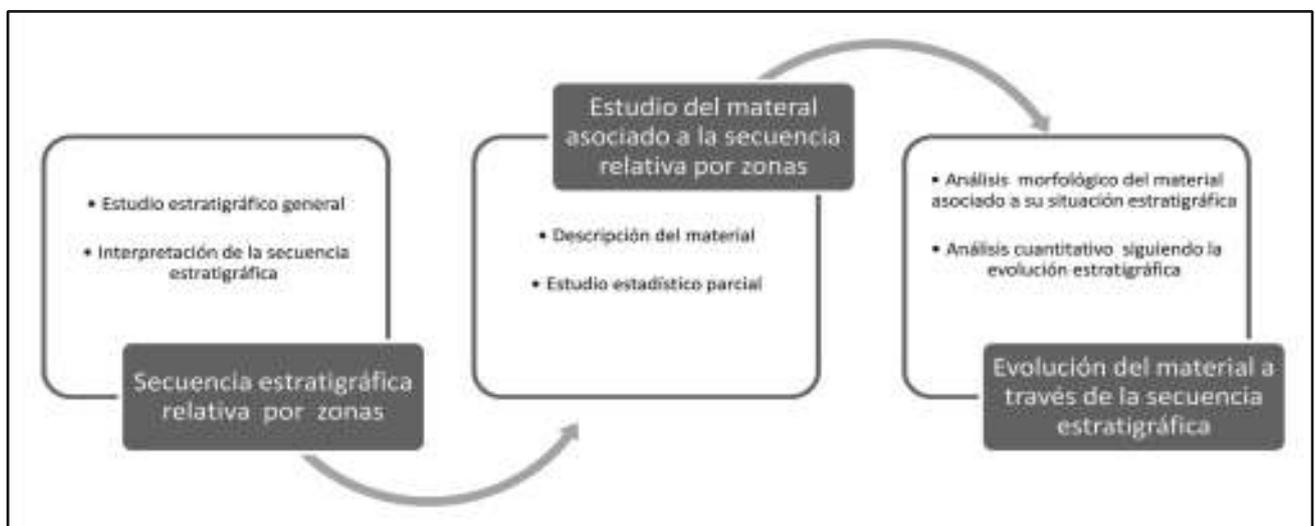


Fig.2 Esquema de la formación y estudio de contextos cerámicos (Amorós, 2011: 28, fig.1)

Llegados a este punto es indispensable que, el inventario y catalogación del material arqueológico recogido en el proceso de excavación no haya perdido su vinculación con la secuencia estratigráfica. Los sistemas de documentación de los trabajos de campo y el inventario de los materiales arqueológicos deben estar relacionados y mantener una conexión en todo momento. En nuestro caso la referencia básica es la Unidad Estratigráfica (UE). El sistema empleado en el Tolmo de Minateda (Abad y Sala, 1995; Amorós, 2011: 27-41) cuenta con una ficha informatizada donde se reúnen las características de los individuos cerámicos recogidos en el proceso de excavación de cada una de las UE excavadas. Esto permite realizar en primer lugar, un estudio del material asociado a la secuencia relativa por zonas, elaborando una descripción del material (por forma, tipo de pasta, tipo de fabricación y si se puede por funcionalidad), así como un estudio estadístico parcial.

La contabilización de los fragmentos y su extrapolación a individuos cerámicos es un tema que se excede al marco de este trabajo, aunque es un aspecto muy interesante y forma parte de las líneas de investigación del equipo del Tolmo de Minateda. En líneas generales, el uso de una ficha informatizada desde el año 1988 en las labores de inventario del Tolmo de Minateda, nos ha llevado a trabajar con unos parámetros de cuantificación muy estrictos (Amorós, 2011: 31-35). La variable establecida como base en la cuantificación del inventario del Tolmo de Minateda, es perfectamente ajustable al Número Mínimo de Individuos (Moliniari, 2001: 56), pero adaptada a las necesidades de un yacimiento multicultural y desarrollada en la experiencia de un sistema empleado, en líneas generales, desde que comenzaron los trabajos de excavación en el Tolmo de Minateda desde hace más de 25 años.

El estudio del material relativo por zonas permite conocer asociaciones tales como tipo de material adscritos a tipos de contextos, y por lo tanto, realizar paralelos con materiales procedentes de diferentes contextos pero con la misma cronología. Por lo tanto podremos comparar por forma, fabricación, tipo de pasta o funcionalidad elementos provenientes de un contexto de abandono con otro de un basurero. Al mismo tiempo la proporción o/y aparición de determinados tipos cerámicos podrá dar mucha información del propio contexto.

3. Evolución del material a través de la secuencia estratigráfica.

El análisis del material asociado a diferentes contextos de la misma cronología nos permite conocer la evolución de las características de material, no solamente desde el punto de vista formal, sino también su evolución tecnológica o funcional.

EL SIGLO VIII. CARACTERÍSTICAS DEL MATERIAL CERÁMICO A TRAVÉS DEL ESTUDIO DE LOS CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS

El estudio de las cerámicas asociadas a contextos estratigráficos, nos ha dado la oportunidad de dar visibilidad a las producciones del siglo VIII^o d.C. en el Tolmo de Minateda, así como conocer la evolución formal de las cerámicas de esta centuria. Gracias a estos estudios podemos resumir las líneas generales de las producciones del siglo VIII de la forma siguiente:

La cerámica común (elementos de servicio, almacenaje y/o transporte de mediano tamaño) es la más documentada en los conjuntos de esta época (49%). Por su parte, los individuos adscritos como producciones de cocina son el 41%. Estos dos grandes grupos, que suponen el 90% del total de las formas cerámicas, cuentan con una clara diferencia entre sí: las formas de cocina son en mayor proporción ollas, sobre todo a torno, con algunas marmitas y escasísimas cazuelas. Por su parte, las formas de cerámica común, aunque con un elenco reducido, están mucho más diversificadas.

Las ollas a torno son las formas más destacadas en el conjunto de cerámica de cocina. Encontramos variedad de formas, pero destacan dos grandes grupos, las de cuerpo globular y herencia tardoantigua (Fig. 3.1) y las ollas de borde vuelto a modo de pequeña visera (Fig. 3.2). Estas últimas aparecen a principios del siglo VIII y se van incrementando conforme avanza la centuria. En el grupo formado por las marmitas (Fig. 3.3) destaca su aumento progresivo a lo largo del siglo VIII, siendo muy escasas al principio y aumentando a finales de la centuria, con formas cada vez más hemisféricas, separándose de los tipos troncocónicos de época visigoda. Así mismo, podemos afirmar que en los conjuntos del siglo VIII son escasas las cazuelas.

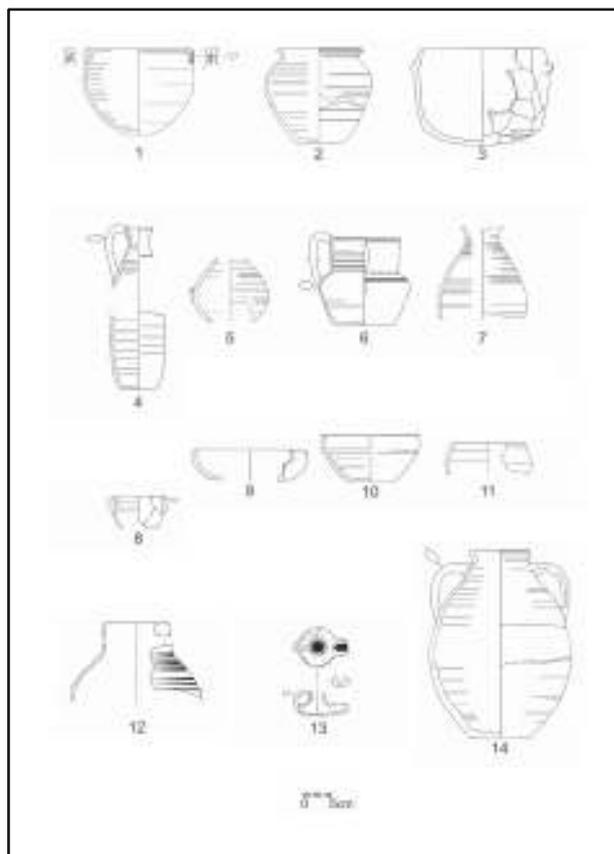


Fig.3 Piezas adscritas a contextos del siglo VIII del Tolmo de Minateda.

De la familia de cerámica común destaca el grupo formado por cuencos (Fig. 3.9, 3.10, 3.11) y tazas (Fig. 3.8), ya que es más amplio de lo esperado, pues de entre las formas catalogadas por morfología, éste supone un 10% del total de

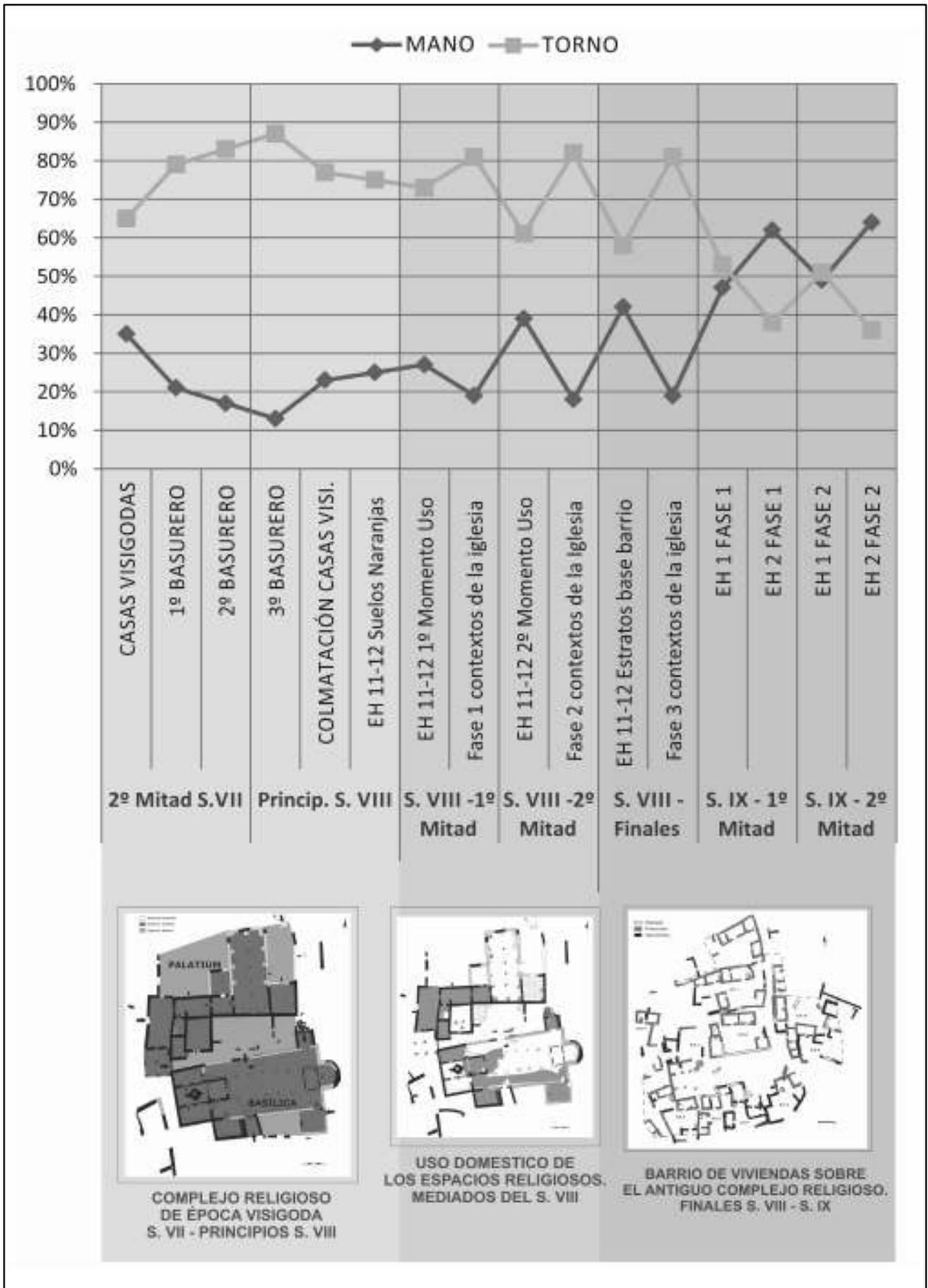


Fig.4 Comparación y evolución de los porcentajes de cerámica a mano y a torno de diversos contextos del Tolmo de desde la 2ª mitad del siglo VII a finales del IX (Amorós, 2013: 20, fig. 9).

la producción. Al mismo tiempo, destaca la ausencia de platos o formas similares y sólo se ha documentado algún cuenco con mayor diámetro y menor altura de cuerpo que podría ser considerado un híbrido entre las dos formas (Fig. 3.9). Uno de los elementos más destacados de este momento es la introducción paulatina en la segunda mitad del siglo VIII de los jarros de boca ancha (Fig. 3.6) y que suponen uno de los cambios más destacados en el repertorio cerámico. Pero esta forma coexiste en todo momento con las jarras/os de tradición local (Fig. 3.7), dicotomía que se mantendrá en la centuria siguiente. Y al igual que ocurre con los jarros/as, en las formas de las botellas se aprecia un cambio significativo en la segunda mitad del siglo VIII. Hasta mediados de esta centuria se mantienen las botellas con cuerpos estrechos y alargados (Fig. 3.4) y, es a partir de ese momento, cuando parece aumentar progresivamente el número de botellas de cuerpo globular (Fig. 3.5). Formalmente, entre los jarros/as de transporte y almacenaje, el único elemento a destacar es el aumento del cuello de estos recipientes a lo largo del siglo VIII, que se va volviendo más estrecho y/o alargado. Pero desde el punto de vista porcentual, llama la atención la elevada presencia de jarros/as y botellas de mediano tamaño (Fig. 3.14), frente a lo escaso de los tipos de almacenaje de mayores dimensiones, que según algunos investigadores (Alba y Gutiérrez, 2008: 602), sugieren la estandarización de opciones de capacidad.

Los primeros candiles (Fig. 3.13), se documentan en la estratigrafía del Tolmo de Minateda, en estratos asociados a un momento avanzado de la segunda mitad del siglo VIII, y aunque son muy escasos, su número aumenta en la fase siguiente, atestiguando su presencia a finales del siglo VIII.

El Tolmo de Minateda cuenta con producciones vidriadas pre-islámicas, pero éstas, nada tienen que ver con las cerámicas vidriadas adscritas ya a época islámica, que se documentan en la estratigrafía desde mediados del siglo VIII, aunque en número reducido. Al igual que ocurre con los vidriados, la decoración pintada (Fig. 3.12) de determinadas formas indica un cambio en la producción cerámica. El inicio de esta nueva decoración se documenta estratigráficamente de forma pareja a la de los vidriados. Al igual que aquéllas, son escasas al principio, pero su número se va incrementando en las siguientes fases. El carácter novedoso de esta decoración, asociado en la mayor parte de los casos a formas también inéditas, indican el posible origen foráneo de éstas y, por lo tanto, están asociadas o bien a las nuevas poblaciones o a las rutas comerciales activas en la segunda mitad del siglo VIII.

Junto a estos elementos, la observación de los contextos cerámicos del siglo VIII ha atestiguado un cambio en las pastas de las cerámicas, tanto las asociadas a elementos de cocina como las dedicadas al transporte o al servicio. En los recipientes del siglo VII, así como en los de la primera mitad del siglo VIII, encontramos pastas compactas y depuradas, con desgrasantes de pequeño y mediano tamaño, que conviven con otras más porosas y que contienen mayor cantidad de desgrasante. Es a partir de mediados del siglo VIII, cuando comienza a generalizarse el uso, para todo tipo de recipientes, de pastas porosas, con tonalidades claras

y abundante desgrasante, donde se distinguen partículas negras y vinosas y en algunos casos cal. Aunque no estamos en condiciones de ofrecer datos cuantificables aplicados a dicho cambio, este primer acercamiento sí plantea una seria posibilidad de una transformación de la cerámica atestiguada, no tanto en las formas, sino en la tecnología del objeto (Amorós, 2011: 190).

La evolución tecnológica de los objetos (Fig. 4) también puede ser rastreada a través del estudio de los contextos cerámicos, en este caso una primera aproximación (Amorós, 2013) nos ha permitido ver la evolución de las producciones altomedievales del Tolmo de Minateda por su técnica de fabricación. Hoy podemos afirmar que en los espacios domésticos de la segunda mitad del siglo VII parece existir una producción mayor de cerámica a torno en un porcentaje de 35%-65%. La tendencia de los porcentajes para principios del siglo VIII y la primera mitad de esta centuria es muy similar, con variaciones y picos que fluctúan entre el 90%-80% de la cerámica a torno para todos los contextos estudiados. En todo caso, es en este periodo cuando se dan los índices más altos de cerámica a torno para el yacimiento. Es en la segunda mitad del siglo VIII cuando parece que los porcentajes comienzan a variar y se empieza a observar un aumento de las producciones a mano respecto a las de torno. Quizás uno de los datos más sorprendentes sea el aumento de las producciones a mano en el siglo IX, tendencia que se observa desde la segunda mitad del siglo VIII para determinados contextos. El aumento de la cerámica a mano, que llega a ser mayoritaria en algunos momentos y zonas, parece ser dispar y, podemos intuir que esta variación puede estar relacionada con la naturaleza de los contextos.

BIBLIOGRAFÍA

- ABAD CASAL Lorenzo et alli (2012) - El Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete, España): un proyecto de investigación y puesta en valor del patrimonio. *Debates de Arqueología Medieval*. N. 2 (nov. 2012). Pp. 351-381. [http://www.arqueologiamedievaldebates.com/articulo-46/el-tolmo-de-minateda-\(hellin-albacete-espana\):-un-proyecto-de-investigacion-y-puesta-en-valor-del-patrimonio](http://www.arqueologiamedievaldebates.com/articulo-46/el-tolmo-de-minateda-(hellin-albacete-espana):-un-proyecto-de-investigacion-y-puesta-en-valor-del-patrimonio)
- ABAD CASAL LORENZO, SALA SELLÉS Feliciano (1995) - Una propuesta de descripción, sistematización e interpretación de materiales arqueológicos. Homenaje a Milagros Gil-Mascarell Boscá, Extremadura arqueológica. Cáceres-Mérida. N.º V. Pp. 265-277.
- ALBA CALZADO, Miguel, GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (2008) - Las producciones de transición al mundo islámico: el problema de la cerámica paleoandalusí (siglos VIII y IX). In Bernal Casasola, Darío, Ribera i Lacomba, Albert (eds. científicos), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, XXVI Congreso Internacional de la asociación Rei Cretariae Romanae Fautores, Cádiz: Universidad de Cádiz. ISBN 978-84-9828-216-0. Pp. 585-613.
- AMORÓS RUIZ, Victoria (2011) - Contextos cerámicos del siglo VIII del Tolmo de Minateda. Albacete: Instituto de Estudios Albacetenses, Serie I, Num. 198. ISBN 978-84-96800-58-8. http://www.iealbacetenses.com/index.php?menu=6&ruta=1_5&id=219&opcion=2&pagina=1

- AMORÓS RUIZ, Victoria (2013) - Tendencias tecnológicas de la cerámica altomedieval del Tolmo de Minateda. *Mansio*. www.revistamansio.com. Nº 1. Pp. 7-25. http://www.revistamansio.com/wp-content/uploads/2013/08/Revista-Mansio_julio-2013.pdf
- AMORÓS RUIZ Victoria, CAÑAVATE CASTEJÓN Víctor (2011) - Transformación funcional de espacios representativos en los inicios del emirato. La basílica y el palacio episcopal de El Tolmo de Minateda. In GARCÍA Alfonso et alli (eds.) *Espacios urbanos en el Occidente Mediterráneo* (ss. VI-VIII). Toledo: Toletum Visigodo. ISBN 978 84 614 3838 9. Pp.191-198.
- AMORÓS RUIZ VICTORIA *et alli* (2012) - CERÁMICA ALTOMEDIEVAL EN EL TOLMO DE MINATEDA (HELLÍN, Albacete, España). In GELICHI, Sauro (ed.) *Atti del IX Congresso Internazionale sulla Ceramica Medievale nel Mediterraneo*. Venezia 2009. Venezia: Edizioni All'Insegna del Giglio. ISBN 978-88-7814-540-5. Pp. 246-257. <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/26840>
- CAÑAVATE CASTEJÓN, Víctor, MELLADO RIVERA Jose Antonio, SARABIA BAUTISTA Julia (2009) - Uso, residualidad y la problemática del siglo VIII en el palacio visigodo del Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete). *Arqueología y Territorio Medieval*. Jaén: Universidad de Jaén. Nº 16. Pp. 9-32. www.ujaen.es/revista/arqytm/PDF/R16/R16_1_Canavate.pdf
- CARANDINI, Andrea (1991) *Storie della Terra. Manuale di scavo archeologico*. Turín.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia (2011) - El Tolmo de Minateda en torno al 711, in 711. *Arqueología e Historia entre dos mundos*. Zona arqueológica. Madrid: Museo arqueológico Regional de Madrid. ISSN 1579-7384. Nº 15, vol. I. Pp. 355-374.
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, DOMÉNECH BELDA, Carolina (i.c.s.) Coinage, context and social space. The high medieval city of el Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete, Spain), in WIN- atti I
- GUTIÉRREZ LLORET, Sonia, GAMO PARRAS, Blanca, AMORÓS RUIZ Victoria (2003) - Los contextos cerámicos altomedievales del Tolmo de Minateda y la cerámica altomedieval en el sudeste de la Península Ibérica. In CABALLERO ZOREDA, Luis, MATEOS CRUZ, Pedro, RETUERCE VELASCO, Manuel (eds.). *II Simposio de Arqueología, Mérida. Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica. Ruptura y continuidad*. Anejos de AEspA. Madrid-Merida: Centro Superior de Investigaciones Científicas, Instituto de Arqueología de Mérida. Nº XXVIII. Pp. 119-168. <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/16854>
- GUTIERREZ LLORET, Sonia, SARABIA BAUTISTA, Julia (2013) - The episcopal complex of Eio-El Tolmo de Minateda (Hellín, Albacete, Spain). *Architecture and spatial organization. 7th to 8th centuries AD*. *Hortus Artium Medievalium*. Nº 19. Pp. 267-300.
- HARRIS EDWARD (1989) - *Principles of Archaeological Stratigraphy*, Londres.
- MOLINARI, Alessandra (2001) - Cerámica. In Francovich Riccardo, Manacorda Daniele (eds.) *Diccionario de Arqueología. Tema, conceptos y método*. Barcelona: Editorial Crítica. ISBN 84-8432-210-6. Pp. 53-61.